

SECA NO ES

FOTOS: DIVULGAÇÃO/MINISTÉRIO DA VERDADE



Embaixo da ponte, na região próximo a Rio Bananal, já não passa água



Um dos trechos do Rio São José que estão sem água há mais de três meses

BOMBAS DE IRRIGAÇÃO AJUDARAM A SECAR RIO

Em uma semana, Polícia Ambiental lacrou 90 no Rio São José

✎ **VILMARA FERNANDES**
vfernandes@redegazeta.com.br

O leito completamente seco e coberto por mato. Por baixo da ponte não há água. E para todo lado que se olha só há secura. O cenário é do Rio São José, que percorre oito municípios do Noroeste e Norte do Estado, e que está seco. É o resultado da forte estiagem, mas principalmente da irrigação irregular praticada ao longo de suas margens. Cerca de 90 bombas foram lacradas pela Polícia Ambiental em seu leito nas últimas semanas.

Os trabalhos começaram há três semanas, depois que a Cesan alertou sobre a falta de água para garantir o abastecimento da cidade de São Gabriel da Palha, o que levou a população a protestar nas ruas por falta de água.

As primeiras bombas a

serem lacradas pelos militares – 68 – foram no trecho entre os municípios de Águia Branca e São Gabriel da Palha. Sem contar, como relata o sargento Paulo Sérgio, as que foram retiradas do leito do rio pelos próprios produtores, sabendo que a região estava sendo fiscalizada.

Nos dias seguintes eles continuaram a percorrer o rio no trecho até Vila Valério, e mais bombas foram lacradas, totalizando cerca de 90. E esta é a terceira vez que fazem a fiscalização no rio. O trabalho de monitoramento continua, sempre com o apoio de mandados judiciais, para fazer outros lacramentos de bombas.

Segundo Celeste Stoco, presidente do Comitê da Bacia de Pontões e Lagoas do Rio Doce, a qual pertence o São José, desde outubro



Em alguns pontos, onde um dia a água percorria, agora só existe mato

do ano passado o rio já dava sinais de que estava secando. “A situação foi se agravando e agora temos vários trechos de interrupção por falta de água. As bombas de irrigação secaram o rio por completo”, relata.

Stoco conta ainda que a primeira vez em que a Polícia Ambiental percorreu o rio foram encontradas poucas bombas e na segunda vez a situação já foi mais crítica. “Só piora”, assinala.

O Rio São José nasce na região de Mantenópolis e deságua na Lagoa Juparanã, em Sooretama. É seu principal afluente, mas, segundo Stoco, lá chega sem nenhuma água. “A lagoa está sete metros abaixo do seu nível”, conta. Ele, que é presidente do comitê desde 2011, está surpreso: “Nem os mais idosos nunca viram o rio nesta situação de secura”.

É preciso muita chuva para salvar o São José

✎ Vai ser preciso chover acima de 100 milímetros para que a água volte a correr pelo Rio São José, avalia Celeste Stoco, presidente do Comitê da Bacia de Pontões e Lagoas do Rio Doce, a qual pertence o manancial.

Segundo ele, na última semana choveu pouco, em torno de 30 milímetros, o que considera muito pouco para a atual condição do rio.

Ele relata que nas regiões em torno do Rio São José, o solo está muito se-

co. “Mesmo com a chuva que caiu em alguns pontos, ela não penetrou no solo. Você vê muita erosão nas estradas, com a areia indo toda para a calha do rio, o que acaba resultando em assoreamento.”

A situação fica ainda

pior porque a pouca vegetação na região, principalmente o capim, morreu com a seca prolongada. O comitê, segundo Celeste, está ajudando a restaurar nascentes em cerca de 200 propriedades rurais da bacia, com reflorestamento.

O projeto será desenvolvido nos municípios de Linhares, Governador Lindenberg, Rio Bananal, São Gabriel da Palha e Vila Valério. “São áreas prioritárias e que vão ajudar também na recuperação do Rio São José e da Lagoa Juparanã”, explica Celeste.

O trabalho é essencial, na avaliação dele, para aju-

dar na recuperação das lavouras nos próximos anos. “A seca é ainda pior do que a enchente. Ela mata tudo e deixa um rastro difícil de ser recuperado”, pondera o presidente do Comitê da Bacia de Pontões e Lagoas do Rio Doce. Ele estima que muitas lavouras vão levar até três anos para se recuperarem.